



EMILIO DE GIRARDIN

SUMMARIO

Emilio de Girardin. — *Noções de Economia Domestica*, D. Maria José da Silva Canuto. — *Engeitado!*, D. Eliza Caodur. — *Mã*, (poesia), Diogo Souto. — *O casamento entre os barbaros.* — *A arte e a sciencia na mulher*, E. M. — *Torre de Londres.* — *Divertimento das freiras de Lorrão*, Camillo Castello Branco. — *Cartas a minha irmã.* — *Palestras, (a uma amiga).* — *Chronica feminina.* — *Album Enigmatico.*

GRAVURAS: — *Emilio de Girardin.* — *Torre de Londres.*
NA CAPA: — *Diccionario de cosinha.*

EMILIO DE GIRARDIN

Não é nossa pretensão fazer a biographia de Emilio de Girardin; faltam nos a competencia e os elementos indispensaveis para delinear, mesmo a traços largos, a vida de esse jornalista extraordinario, de esse homem que, com a mais perfeita comprehensão do nosso tempo empregou toda a sua grande actividade, e os recursos variados do seu espirito na conquista de uma posição superior, ganhando palmo a palmo, valorosamente, e com uma persistencia singular, o caminho es-

cabroso das riquezas, ao fim do qual se não encontra ainda a satisfação completa das nossas ambições.

Filho natural, via-se face a face com a sociedade, onde não tinha lugar, e era-lhe portanto forçoso travar uma lucta gigantea e porfiada, afim de vencer os obstaculos levantados a cada passo no caminho que a sua intelligencia superior lhe descobria, rasgando ao mesmo tempo, aos seus olhos penetrantes, horizontes vastos que a ambição desmarcada lhe fizera perceber. Essa lucta, que devia occupar-lhe toda a vida, rompeu-a elle com uma grande corágem e extraordinária força de vontade, trabalhando constantemente com uma tenacidade assombrosa e um fino criterio que prima principalmente pelas resoluções rapidas e immediatas, desviando-se das pequenas preocupações, que podiam inutilisar-lhe todos os esforços, e procurando chegar aos resultados directamente, pelo caminho mais curto, embora com sacrificio, muitas vezes, da harmonia de idéas e de principios que dão a coherencia. Emilio de Girardin é «um d'esses yankees que correm ao acaso em busca de regiões desconhecidas, avançando sempre pelos paizes do espirito, cortando todos os obstaculos, fazendo passar caminhos de ferro pelos bosques virgens, para depois, mais além, emitirem acções. Activo e sempre moço, é um homem da liberdade, da liberdade americana sem limites, um desdenhoso pelo prejuizo, pela rotina, estudando as intelligencias, deixando de lado os imbecis, e crendo no successo para sempre ter razão, no fim de contas.» Tais são as palavras com que um dos seus biographos o tratou em vida; palavras de todo o ponto verdadeiras se estudarmos a longa carreira de esse homem para quem parece ter sido feito, e por quem parece ter sido comprehendido, este verso de um sceptico: *O homem absurdo é o que nunca muda.*

Emilio de Girardin nasceu em Paris a 22 de junho de 1806 e nos registros do estado civil foi inscripto com o nome de Emilio de Lamothe, filho de pae incognito e de *demoiselle* Lamothe, esta filha de um tal Lamothe, residente em Mans. Aquelle pae incognito era o conde de Girardin (Alexandre) general distincto nas guerras do imperio e monteiro-mór de Luiz XVIII e a *demoiselle* Lamothe, Madame Dupuis, filha de um alto funcionario de fazenda, da confiança de Luiz XVI.

Entregue primeiro aos cuidados mercenarios de uma pobre gente, abandonado pelo pae ainda na infancia, encontrou-se aos 17 annos completamente só, desprezado pela sociedade que o engeitava tambem porque os paes o haviam engeitado e se envergonhavam da sua existencia, filha do adulterio.

Então, aguilhoado pela ambição, instigado pelo desejo de devolver á sociedade o desprezo que esta lhe dava em troca do seu infortunio entrou como caixeiro n'uma casa bancaria, lançou-se aventurosamente no jogo de bolsa e perdendo o pequeno peculio que podera juntar com muito trabalho resolveu sentar praça n'um regimento de *hussards*. Não podendo, por falta de robustez physica, conseguir realisar este ultimo intento pegou na penna e começou de brandir essa arma perfeitamente moderna com a qual devia triumphar dos attritos que o nascimento lhe oppunha ao desenvolvimento da sua actividade unica e febril, desbravando o terreno, e aplanando o caminho que a si pro-

prio traçara. Publicou então, em 1827, o seu primeiro livro, o *Emilio*, uma auto-biographia que é ao mesmo tempo uma defeza do filho adulterino e uma accusação tremenda feita á sociedade. N'este livro ha uma phrase que define as tendencias do caracter precocemente positivo e pratico de Girardin: *O tempo da metaphysica passou.*

Entrou na vida jornalistica e fundou em 1828 o *Ladrão*, onde appareciam reproduções litterarias, em 1829 a *Moda*, em 1831 o *Jornal dos conhecimentos uteis*, em 1833 o *Museu das familias*, guardando em todas estas publicações uma posição expectante e observadora de que a sua prespicacia, ainda assim, tirava já um proveito pecuniario consideravel.

Depois, em 1835, creou o *Pantheon litterario*, subsidiado por Guizot, e de esse tempo data propriamente a sua carreira jornalistica, fundando em 1836 a *Presse* que transformou o jornal de arma politica em instrumento industrial e cobria com a receita dos annuncios a despeza do augmento de formato. Travou-se então uma lucta enorme, de que Emilio de Girardin devia ficar victorioso.

Um dos que lhe sahiram ao caminho, Armand Carrel, director do *Nacional*, ficou estendido na arena, morto n'um-duello que ficou celebre. Carrel atravessou de lado a lado a coxa esquerda de Girardin, e este, com toda a firmeza de um temperamento americano, sem um unico movimento de hesitação ferio-o mortalmente n'uma virilha. Assim se affirmou o triumpho de Girardin, que na historia do jornalismo deve ser considerado como um innovador.

Escasseia-nos o espaço para innumerar os muitos jornaes fundados por Girardin; limitamo-nos apenas a assignalar a *France* e o *Petit Journal* cuja importancia é conhecida de todos. Este ultimo tem uma tiragem aproximada de 650:000 exemplares, metade dos quaes, ao romper do dia, se espalham por todos os bairros de Paris.

No theatro, Emilio de Girardin cahiu... O successo obtido pelo *Supplicio de uma mulher* deve talvez ser attribuido á collaboração de Dumas filho. As suas obras litterarias tambem provam quando muito uma actividade febril, infatigavel, prodigiosa mas nada mais.

NOÇÕES DE ECONOMIA DOMESTICA

XVI

E' este ainda o unico preceito que imponho aos caidores, quando não tenho eu mesma de arrostar com a má vontade d'elles e preparar a cal. Quanto á pedra da chaminé, não consinto que se areie; prefiro vê-la com uma côr adusta, a vê-la alvejar sob um seixo de rebôlo. Não posso ouvir aquelle trovejar de esfregação das duas pedras: prefiro a este arripio o ribombo dos trovões.

Ia-me esquecendo recommendar o deposito do lixo; esse eterno chanariz das moscas é preciso que esteja tapado, e que se remova quasi diariamente o conteúdo para as carroças de limpeza municipal.

Com as privadas todo o cuidado é pouco; agna a ferver, chlorureto de cal, incessante limpeza, é o que a hygiene recommenda.

A despensa revelará pouca ou muita habilidade da governante ou da dona da casa; ali todas as coisas

devem ter o seu lugar; cada objecto de alimento deve estar de modo que se não possa corromper.

Isto emquanto ás casas graúdas e ás remediadas; quanto á casinha pobre, o quarto que serve ao mesmo tempo de alcova e de cosinha pode ser tão asseado como a casa do rico. Quanto mais pequenino elle fôr, mais depressa se varre, se areja, se limpa! A agua, o sol e o ar livre são as riquezas do pobre; e mais depressa as filhas do desvalido aprenderão com sua mãe a pratica de serem boas donas de casa, do que aprenderão nas escolas a theoria d'esse tão necessario mister.

O que é paciente, governa-se com muita prudencia; o que é impaciente, assignala a sua loucura. Pros. cap. XIV, v. 29.

Emprega-se a cera derretida e misturada com pó de açajú para polir os moveis; tambem se emprega azeite e cera; as manchas produzidas nos moveis polidos pelos corpos quentes, extraem-se esfregando-as com azeite e sal. Todos sabem os cuidados que se devem ter com os moveis polidos; qualquer corpo duro, quente ou guarnecido de bicos, os estraga e afoia.

Os moveis recobertos com estofos de lã demandam o uso frequente da escova, e exposição ás correntes de ar.

Se pelos quartos se vir adejando a borboletinha que produz a traça, é preciso combater-lhe os assaltos, examinar os moveis, aspergil-os com essencia de terebenthina, ou qualquer outra droga, a fim de impedir que o insecto deponha os ovos pelas prégas dos estofos.

E' incrível a invasão de traças e pulgas nas casas deshabitadas; e se não ha pessoa encarregada de afugentar esses inimigos, durante a ausencia dos habitantes, pódem ser consideraveis os estragos causados pela phalange das primeiras.

Os leitos exigem os maiores cuidados, por isso que interessam á saude. Devem ser frequentemente revistados, sacudidos e limpos os colções ou enxergões, as paredes, o chão e as mezas.

Diz-se que em alguns cantões da Suissa é proverbial o asseio das camas; e que as roupas e mais objectos inherentes aos leitos são expostos na rua ao ar livre!

Nas aldeias do nosso Portugal, creio que não está em uso essa especie de feira da ladra; apenas uma ou outra familia estende a roupa nos cirados, ou em cima dos parreiracs, sempre a occultas de vistas de estranhos.

MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO.

ENGEITADO!

(Continuação)

— Pois tu tens o atrevimento, a petulancia de me ir buscar a enxerga nova para te servir de cama, grandissimo patife! E n'um gesto sacudido puxou pela enxerga nova, toda cheia de remendos, fazendo o pequeno dar duas voltas no ar e cahir no chão todo estremunhado, com os olhos esgazeados, vista confusa, espantado d'aquella aggressão e d'aquello acordar, embora fosse quasi sempre, como agora, tempestuoso.

Elle como sempre levou, soffreu, lagrimejou e calou-se; que remedio!

Ao almoço não teve appetite, olhou as duas sardinhas, pequenas, salgadas, sem azeite, postas sobre

uma codêa de broa dura, e sentiu-se agoniado. Não podia levar aquillo hoje, não sabia porque, mas não podia, disse á mãe. A vibora respondeu seccamente:

— Pois se não quer comer mais fica, olha as fremas, e rua já. E' levar aquelle gado á agua e apanhar-lhe um braçado de milho; e isso n'um rufo, acrescentou, levantando muito a voz e batendo o sobrado com impeto.

Partiu silencioso, fez tudo sollicito, o mais depressa que poude, e voltou a saber o que mais era preciso.

Necessitava-se d'agua: caminhou para a fonte, depois veio, foi ao moimho, na volta mandaram-n'o ao logar e em seguida levar o jantar ao tio Antonio que andava nas lezirias, d'ali arredadas um quarto de legua.

Não podia já, arrastava-se dolorosamente e nas bifurcações das quingostas affastadas pousava os carregos e encostava, nas moitas bastas, a cabeça dolorida onde a sua phantasia irrequieta e infantil julgava ter navalhinhas a picar.

Que zanga não ter a quem dizer aquillo! Se ali estivesse o tal senhor dos olhos, contava-lhe tudo, isso contava; e concentrado na sua idéa, cheio de resolução: — ainda que fosse adiante da mão, importava-se lá, — diria tudo, porque estava cansado, não podia, não podia mais.

Depois, não desejava muito, só queria que o deixassem descansar, dormir um bocadinho. E doente, encostadito nas sebes agrestes do atalho, traçava na areia com o gesto errante da sua pequenina mão crestada e callosa, largos circulos poeirentos para os desfazer em seguida, sem consciencia e de novo os principiar, distrahidamente.

Mas eram horas, levantou-se depressa, espreguiçou-se, teve um bocejo e lá foi caminho de casa arrastando no seu golgotha aquella existencia de amargura crucifera, sem mesmo ter, como Christo, o linitivo d'um cyreneo piedoso.

O jantar como o almoço fez-lhe vomitos, tinha amargos de boca, a lingua viscosa e umas agonias nauseativas enjoavam-n'o horrivelmente. Não podia comer, todavia sentia uma fraqueza quebral-o todo e no seu estomago havia contracções dolorosas que o faziam ás vezes pensar:

— Isto é bñraco que se me anda aqui a fazer. E abria a camisita no peito espreitando se o buraco se veria já exteriormente.

Depois da refeição o paé chamou-o atraz da casa e, mysteriosamente, quasi em segredo, recommendou-lhe:

— Vae-me ao logar, á venda do Manuel Antonio, e traz uma onça de tabaco, que lh'a pagarei no domingo e toma sentido, nada de dizeres á mãe, vê lá.

O Maximino partiu immediatamente, correndo.

O José Morgado não era vicioso, não bebia, não jogava, mas o cigarro de vez em quando era indispensavel ás exigencias da sua organisação nervosa, cheia de desejos e convinha á sua phantasia apprehensiva que achava no fumo um meio de distração agradável.

A mulher chamava aquillo, vicio do demonio, ralhava expondo umas razões sem logica, e não raro succedia ás vezes, após umas phrases provocadoras, trocarem-se uns movimentos, uns attrictos de braços e pontapés, pouco amigaveis.

O José evitava o mais possivel essas dissensões domesticas, affastava-se para acender o cigarro, escondia-se da mulher como o garoto envergonhado e timorato.

O Maximino tinha adquirido, na continuação de an-

dar depressa, quasi a celeridade d'um pequeno montanhão dos Alpes, tão pouco se demorou, pois, que a mãe não deu por falta d'elle.

Entretanto a tarde annueara-se. A atmosphera tinha um halito frio que punha nos corpos uma como sensação occasionada por pequeninas laminas d'aço, agudas e cortantes.

Nas vertentes dos outeiros, as arvores esmaeciam com uma nota de tristeza, na gradação das suas côres glaucas. Ao longe as serranias cobriam-se de negro azulado de lucto, e pesados castellos de nuvens, que pareciam erguer-se das montanhas a formarem no firmamento plumbeo esquadrões de guerreiros atheletas, aggregavam-se, caminhavam, aproximando-se cheias d'uma espessura tetrica de fazer pavor.

Continua.

ELIZA CAOPUR.

M A

Quando o Grego pôz termo á bella estatua,
—cuja copia tu és, mas alta e viva,—
delirante de amor tirou do peito:
«— Oh! fala, sifide!»

Ao lançar te do empíreo o Grande Artifice
para assombro do mundo, e meu tormento,
¿ porque não te imperára magestozo:
«— Cala-te, vibora!?»

(Foz do Douro).

DIOGO SOUTO.

O CASAMENTO ENTRE OS BARBAROS

O contracto nupcial entre estes povos revestia-se de mais poesia, do que no tempo presente. A mulher era rodeada d'um certo respeito e attenções, que muito contrastavam com as dos tempos antigos. Entre os francos, povos dominadores dos paizes que entestavam com o baixo Rheno, effectuavam-se os contractos dando de beber aos noivos na mesma taça; o pae dizia ao futuro genro, apresentando-lhe a esposa: *Dou-te minha filha para ser tua mulher e a tua felicidade, para que guarde as tuas chaves, e tome parte no teu leito e nos teus bens; em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.* Os circumstantes respondiam: *Assim seja.* No domingo seguinte era apresentada á sua nova familia.

Na manhã do noivado o esposo dirigia-se com os seus á habitação da noiva, onde se achavam reunidos os parentes e amigos, batia repetidas vezes á porta fechada, e entabulava-se um dialogo rhythmico entre os do interior e os recémchegados; depois apparecia a esposa, e o amante cingia-lhe a cintura com a fita symbolica. Não se afastava da casa paterna sem ter, como a indiana Sacontala, acariciado os bois e os cavallos, deitado pela ultima vez o grão á criação, saudado os quartos e os moveis, testemunhos dos seus dias tranquillos e das vagas inquietações de um coração virginal; depois dirigia-se com o duplo cortejo para a habitação de seu marido. Os homens as mais das vezes iam a cavallo, com a espada desembainhada na mão, para defendel-a contra os rivaes, ou contra os

que viam com desgosto o paiz ou a *fara* perder um dos seus mais bellos ornamentos.

O padre que abençoava os esposos junto do altar lançava-lhes flores sobre a cabeça; e elles depositavam sobre o altar a offerta do pão e do vinho; dirigiam-se depois todos á capella da Virgem; na idade pagã era á deusa Nealennia, representada com um véo sobre o rosto, com um cão ao lado e um açafate de fructos na mão, que se offereciam as homenagens da recémcasada. Os parentes recebiam no altar de Maria uma roca benzida e apresentavam-n'a á esposa, que n'ella fiava um pouco para indicar as occupações e os cuidados que a esperavam.

Entrando em casa, os esposos achavam ali a multidão dos convidados; punham se á meza, e á sobremeza apresentavam á noiva um ramo de flores e um pombo, depois entoavam o canto nupcial. Os esposos eram conduzidos aos seus aposentos e bebia-se á prosperidade da sua união; depois de haverem recebido a benção dos parentes, a esposa recebia de cada um dos assistentes um beijo e um voto de felicidade.

Na manhã seguinte os esposos assistiam vestidos de luto a uma missa pelo repouso da alma dos seus parentes defuntos, associando assim as saudades á alegria, o jubilo do matrimonio ás meditações severas do tumulo.

A arte e a sciencia na mulher

Que differença existe entre um artista e um sabio? Para respondermos é necessario partir d'este principio: Tanto no animal como na creança, no homem primitivo como na mulher, uma impressão forte traduz-se a maior parte das vezes por movimentos variados, conforme tem por séde estes ou aquelles orgãos.

E' ao doutor Letourneau que vamos colher os elementos para profundar este assumpto. O sympathico e abalisado sabio tem mostrado que no ser intellectualmente pouco desenvolvido o estremeccimento nervozo, produzido por uma impressão viva, transforma-se principalmente em contracções musculares, em movimentos dos membros, em gritos que são os gestos da larynge.

Mas a serie dos phenomenos pôde de certo modo ser invertida. Se uma impressão dada provoca, de ordinario, tal ou tal gesto, tal ou tal grito, bastará executar ou ver executar o gesto, soltar ou ouvir o grito para experimentar mais ou menos vivamente a impressão a que elles correspondem. O homem poderá pois reproduzir, excitar á vontade nas proprias cellulas, ou nas de outrem, um certo numero de impressões e de sentimentos. Eis ahi todo o fundo da esthetica.

Do grito nasceram o canto e a musica.

Do gesto mais ou menos cadenciado surgiu a dansa.

Como enfim toda a impressão forte não existe sem um cortejo de imagens, de visões mentaes, o homem reproduzindo ou tentando reproduzir as imagens invento do desenho, a esculptura, e logo as artes graphicas e plasticas.

Estas considerações devem estar bem presentes áquelles que desejam ter dados certos sobre a natureza das artes.

Vê-se que os artistas são apenas os *traductores* das imagens, gritos ou gestos das emoções que experimentam. Os sabios são pelo contrario os *geradores* das idéas que o seu cerebro elabora sob uma impressão qualquer, sem acção reflexa.



TORRE DE LONDRES

Logo, o pensador é um inventor e o artista um copista apenas.

Posto isto, tira-se facilmente a seguinte conclusão:

Naturalmente os cerebros melhor constituídos são os mais aptos a receberem inteiramente o choque das impressões e fazem brotar d'ali idéas; ao passo que os cerebros mais fracos não reteem senão uma parte das impressões e deixam manifestal-as exteriormente.

O cerebro feminino está para o cerebro masculino na interioridade de um decimo. Este será pois em geral um cerebro de pensador, aquelle um cerebro de artista. Esta formula é geral, não excluindo mesmo um certo numero de excepções de mulheres com cerebros de homem e vice-versa.

Não tememos magoar as leitoras dizendo-lhe que na sciencia ou na philosophia não se conta uma mulher que se tenha distinguido por qualquer descobrimento. Pelo contrario nas artes o numero das notabilidades femininas é consideravel e mesmo frequentemente o genio — puramente descriptivo, d'estas artistas, é bem superior ao de muitas celebridades de barbas.

E' que a arte, sendo toda feita de sensibilidade, está perfeitamente no dominio da mulher, que é o ser impressionavel por excellencia, dominio que talvez lhe seja exclusivamente reservado, um dia; o numero das mulheres artistas cresce rapidamente, e o sexo que tem o apanagio da graça e da belleza é logicamente destinado á arte e á esthetica.

Pelo contrario, o homem que tem no duplo ponto de vista muscular e cerebral o privilegio da força, é formado para o pensamento e talhado para a acção, isto é, organizado para a sciencia.

Em resumo, a mulher deve produzir o agradável; o homem inventar o util, — eis pois a differença entre o artista e o sabio.

E. M.

TORRE DE LONDRES

A Torre de Londres é o mais antigo e mais celebre monumento de Londres.

Quer a tradição que os primeiros fundamentos sejam devidos a Julio Cesar. O que é certo é que tudo que hoje resta do edificio é da época normanda.

A Torre de Londres tem sido ao mesmo tempo uma cidadella para defender a cidade, um palacio real, uma prisão do Estado para os criminosos mais perigosos, um arsenal de guerra, um thesouro das joias da corôa e o deposito geral dos archivos judiciarios do reino.

Foi a habitação dos antigos reis; muitos tiveram ali a sua elevação e muitos tambem a sua queda, alguns a sua morte.

Hoje a sombria e triste Torre de Londres não é mais que um museu e um arsenal.

Possue uma collecção historica de armas muito completa. O arsenal conta 200:000 armamentos e equipamentos modernos completos.

As riquissimas joias da corôa são actualmente o atrahente objecto da especial curiosidade dos viajantes e sobre tudo das mulheres.

O não fazer nada acostuma a fazer mal.

LOUISE D'ALQ.

Divertimento das freiras de Lorvão

PRINCIPIO

Não foi, senhoras, no distante clima da China, ordinaria patria dos Bulles, que nasceu o meu heroe; Coimbra, esta Athenas de Portugal lhe serviu de berço, e para que nascesse logo com avultados brios, contam os historiadores, que foi brioso seu augusto progenitor. Brioso este homem, que desprezou a alliança com a ill.^{ma} Fabrica de Vandilli, que o pretendeu para consorte, e só achou na ex.^{ma} sr.^a D. Oleria digna esposa a seus altos merecimentos, sendo innumeravel a descendencia, que deu a todo o reino, e fóra d'elle.

Foi sempre o ill.^{mo} sr. D. Bulle de Barros (de quem choramos hoje a perda) o filho mais dilecto do seu coção, vendo-se desde sua infancia tão melindroso, como vidrento, e fazendo biquinho a tudo quanto via. Elle receou embarcal-o com os mais irmãos para a America, ou expol-o nas lojas á censura do publico; quando porém meditava dar-lhe uma accommodação digna da sua esclarecida prosapia, achando-o um dia enfermo do estomago, e applicando-lhe o melhor chá ao mesmo tempo, que o escaldou pelo interior, esteve a pontos de o vêr acabar com uma suspensão d'aguas, se lhe não valesse o especifico remedio de rede: obra que bastou, e recommenda o sabio, e paternal Artifice.

Restabelecido o nosso heroe, eram muitas as sr.^{as}, que, captivas do seu esplendor, o desejavam possuir, e como elle era ousado agradar-lhes, não padeceu pouco seu pae para o conter nos justos limites da moderação. Pensando pois, que o socegaria, tratando de o casar nas mais ricas e distantes casas do mundo, já offerecendo-o á princeza D. Salva de prata, já á esclarecida Bandeja de cobre, já a outras muitas fidalgas. Elle, como mancebo de pouca consideração, se tinha namorado de sua prima D. Cafeteira, que havia herdado o dote e importante herança de seu tio Assucareiro de Barros.

Não vos occulto, senhoras, esta ainda advertida acção do sr. D. Bulle, para que os paes de familia conheçam o mal que fazem em tratar com tanto melindre aos filhos de menos annos: porém, que scena se abre a meus olhos! Conhecida pelo grande brioso a desvantajosa alliança, abrazado em ira, manda escaldar o invencivel Bulle, persuadido que, com tão atroz castigo o moveria a acceitar a serenissima esposa, que com tantas vantagens lhe propozera; porém foi inutil o castigo, porque a paixão por D. Cafeteira tinha chegado a ponto de fazer antes tudo em cacos, de que mudar de projecto, não deixando de formar algum objecto das suas adorações: Oh! paixão dos mortaes! Paixão mais forte! a que precipicio não conduzes um coração tão amante, como o do ill.^{mo} sr. D. Bulle de Barros!

Sim, senhoras, elle soffre o desprezo da sua familia, que chora occultamente o desacerto do fogoso e apaixonado Bulle. Sua avó D. Terrina se ensopou em lagrimas, sua mãe D. Oleria perde o exercicio de obrar, sua prima D. Chicara Pires ficou d'aza cahida, e os mais parentes lhe deram com os pratos na cara; porém tudo soffreu intrepido, e casando clandestinamente foi obrigado a fugir para longe da patria, onde com socego podesse disfructar a doce herança, que do Brazil tinha vindo a seu tio Assucareiro de Barros, e fazia principal dote de sua amada prima D. Cafeteira.

Postos de noite ao caminho, levando consigo toda

a herança, um infausto successo (não sei, amadas irmãs, como tenho animo para referir-o) uma infelicidade (estala-me o coração de pena) um caso (perde-se-me a voz na garganta) sim é forçoso dizel-o: D. Cafeteira cahiu no chão com a pressa, com que fugia, e por mais que o amante esposo corre a soccorrel-a, já a dura, e inexoravel parca tinha feito em pedaços aquelle idolatrado emprego do nosso heroe. O doce, mas pesado impeto foi a causa da sua ruína. E' esta a condição das riquezas, que apegado o interior a ellas, vem a motivar perda a quem as adora.

Aqui, senhoras, devo eu passar em silencio o sentimento do ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. D. Bulle de Barros, nome, que será sempre respeitado entre nós; faltam-me as expressões; á nossa imaginação, ainda mais á nossa dôr cumpre supprir a falta da mesma eloquencia. Eu nem ao menos posso representar-vos bem as idéas, que rolam em sua cabeça, e a saudade que lhe fere o infimo do coração. Ah! foi precisa toda a sua constancia para não estalar de pena. Já lhe lembra tornar, como filho prodigo, para casa de seu pae; já projectava des-terrar-se voluntariamente para ver se com a variedade de objectos suavizava a tyranna dôr, que na ausencia da amada esposa lhe convertia em desgosto a propria existencia; um dia porém, que entregue á sua magoa, reflectia na misera sorte dos mortaes, desenganado das falsas apparencias do mundo, elle forma o heroico designio de recolher-se a uma clausura, onde, depois de dar o ultimo adeus ao mundo, e ás brilhantes honras do seculo, se exercitasse nas obras de caridade, para com ellas expiar as desordens, que tinha commettido. Elle executa este grande e louvavel projecto, que sendo a ultima época da sua vida, formará igualmente a segunda parte do meu discurso.

(Continua).

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

CARTAS A MINHA IRMÃ

(Conclusão)

Sabes que acharia deliciosa esta primavera se vieses passal-a comigo aqui. Já te vejo um gestosinho de desdem. Realmente passar uns poucos de mezes n'uma cidade de provincia, ridicula de pretensões, uma cidade em que apenas se vê gente aos domingos, onde as ruas, de casas feias e mal alinhadas, jazem n'um silencio de morte, que horrivel coisa!

Depois abre-se o theatro tão poucas vezes; são tão poucas as pessoas que recebem, e essas reuniões que insipidas! não se conversa, não se dança, e tu gostas tanto de conversar e de dançar!...

Já me tens dito que não sabes como supporto tão monotona existencia; e eu tenho a ousadia de convidar-te a vires partilha-a.

Não gostas da minha cidade pois eu não gosto da tua, nunca poderia resignar-me a passar a vida inteira no meio d'esse ruido que me incommoda, e d'esses sujeitos que tem o incrível egoismo de quererem que me ocupe mais d'elles todos que de mim propria; todavia prometto que irei sempre no inverno acompanhar-te lá, sob a condição de que virás sempre na primavera estar comigo aqui.

Não julgues porém que te censuro a inclinação para a vida *mondaine*, ou receio que a tua sensata e laboriosa maneira de viver se transforme na frivolidade

que consome muitas existências, que caminham a par da tua.

A seriedade do teu pensar juvenil tranquilliza-me, e mesmo terei acaso direito para censurar-te porque o teu caracter é diferente do meu? Gosto de silencio e tu de ruido; adoro o *deshabillé* como tu adoras a *toilette*; procuro a solidão com o mesmo afim com que tu procuras as brilhantes companhias.

Para que viva satisfeita bastam-me umas suaves affeições, umas flores, uma nesga de ceu e os meus livros; tu necessitas de mais, a actividade energica do teu espirito necessita de maior esphera, e ha em ti alguma coisa que te faz desejar o tributo da admiração.

O que te posso dizer é que a natureza, que foi prodiga contigo, foi comigo benevola e dirigiu os meus passos para um caminho mais seguro, mais suave, e que, se não possuo a força que já se manifesta no teu fino espirito, corro muito menos de que tu o risco de grandes amarguras e crueis decepções.

Luiz e Albana vieram agora correndo aqui a trazer-me malmequeres para mandar á tia. Vê como são tuas amigas as pobres creanças. Estão sempre a falar-me de ti. Hontem fui passear a um *monte*; estava já um lyrio aberto, queriam mandar-t'o por força. Luizinho affirmava que chegaria ahí sem murchar porque as cartas não levam um dia inteiro no caminho, e o lyrio durava mais. Albana segurava a flor com todo o cuidado, mas á volta fazia vento e cahiu-lhe uma folha; quasi que choraram. Foi preciso para as consolar dizer-lhe que no teu jardim já havia lyrios abertos.

Vem passar connosco estes tres mezes. Iremos para a herdade da Faia, onde eu costumo refugiar-me nos mezes de calor. Irás habitar aquelle quartozinho que dá para o laranjal, e que tanto te encantou quando o viste a primeira vez.

Vem gosar os encantos d'esta sadia natureza, e devassar os segredos da esplendida flora d'estes campos.

As flores aqui não são como as do teu jardim, umas pretenciosas que precisam que o jardineiro lhes faça a *toilette*. São robustas e gentis como as camponezas da tua idade.

Vem ver como ellas semeiam de vivas côres os vicejantes prados, como se levantam em feixes pela collina e se estendem em cachos pelas balseiras dos vallados. Verás que variados exemplares encontras para enriqueceres o teu herbario.

Não quero dizer-te mais.

Abraça o nosso bom pae e responde breve á

Tua

Luiza.

PALESTRAS

(A UMA AMIGA)

Que o teu Fernando está cada vez peor, mais brincalhão, mais traquinas, mexendo, pulando sempre n'uma desenvoltura atordoadora e que, não o podendo aturar vaes enfim metel-o no collegio, dizes, com receio de o ver um dia seriamente magoado por uma queda mais desastrosa.

—Pois a culpa está toda da tua parte. Evitar que esses desastres se deem depende quasi exclusivamente de ti.

—Bem o sei, e é por isso que me não separo d'elle, que o não deixo correr, que lhe meço todos os

passos, vigiando-o, prendendo-lhe todos os movimentos, respondes convencida de que tens cumprido um dever de mãe e de educadora, quando na realidade não tens feito mais que desprestigiar toda a tua auctoridade materna e contribuir para a desmoralisação do teu encantador traquinas.

E' exactamente porque tu lhe prohibes que salte, que mais vontade tem de pular. E pela certeza em que está de que o seguras, é que se deixa muitas vezes cahir, sem consciencia dos resultados, abandonado á tua sollicitude, apoio certo, que se um dia lhe falta o deixa n'um lance penoso.

Desengana-te minha querida, que não é sem razão que se chama á experiencia—a mestra da vida. E' preciso pois que o teu pequeno fuja dos teus cuidados e se refugie todo nos conselhos d'essa boa amiga.

Entrega-lh'o sem receio e d'uma creança pusillamine de espirito, e fraca de corpo, far-te-ha um rapagão firme e robusto, verás. Deves principiar por uma pratica que te vae parecer um absurdo.

Por lhe deixar dar um grande numero de pequenas quedas.

Estou a vêr-te fugir horrorizada do meu paradoxo e a proferir estas palavras denunciadoras da tua admiração indignada: «—Pois eu heide estar a vêr o meu filho cahir, magoar-se, affligir-se, chorar, e não lhe hei de valer?!»

E' da fórma porque lhe vales melhor. Evita-lhe sómente as quedas que possam magoar-o mais profundamente ou desequilibrar-lhe a saude, de resto deixa-o cahir, fazer um gallo, esfolar um joelho; uma vez desenganado que, não se livrando a si proprio, ninguem o livra dos perigos e das suas consequencias, principiará mesmo sem as tuas recommendações a ser cauteloso e acabará por ser prudente e circumspecto.

Assim habituado a reflectir, a depender unicamente de si, a ser livre, não terás o desgosto de o ver um piegas tímido e indeciso na idade em que devia principiar a ser energico e audacioso.

Ha ainda outro perigo para a creança, nas tuas exaggeradas sollicitudes, nas tuas reprehensões injustas, na obediencia passiva a que o sugeitas.

Além do vigor physico, a força moral, o sentimento de liberdade e o respeito pela tua auctoridade, ficam aniquiladas pela acção dissolvente que o teu despotismo exerce sobre elle.

Um dia, por exemplo, a creança quer subir a um muro do jardim; revestida da tua auctoridade irresistivel prohibes-lh'o sob o pretexto de que cahirá infalivelmente. O pequeno obedece com a obediencia incondescendente dos fracos, que não pôdem revoltar-se, e espera sobrepticiamente o momento em que possa encavalgar-se no muro, sem tu veres. Uma vez ali bate as palmas triumphante e desce contente de ter satisfeito o seu desejo. De si para si fica pensando que é uma feia mamã, muito arreliadora e sem nenhum valor as tuas recommendações nem as tuas prophecias, por isso que subiu e desceu do muro sem lhe acontecer o mal que lhe havias anunciado. E aqui principia a depravação moral do pequerrucho, o desejo de desobedecer-te sempre, o desprezo pelos teus conselhos, a aniquilação do respeito que te deve.

Se, pelo contrario, o tivesses deixado praticar livremente, fazendo-lhe apenas a observação de que poderia cahir, e se effectivamente a queda succedesse, a lição valeria bem o desastre, porque d'ahi ávante, quando ás diabruras do teu leãosinho oppozesses as mesmas observações, estas produziriam um effeito magico;

a lembrança da queda e certeza da tua razão, contem o-hiam e aprenderia assim a vêr sempre nos teus conselhos uma justiça e uma infalibilidade attendiveis.

Não digo que este systema de educação produzisse os mesmos bons resultados em todas as creanças. Seria de certo infructifero ás acentuadamente más e viciosas, para quem toda a repressão é pouca, mas para o teu louro Fernando, tão bom e tão intelligente, ia afirmar que obterias os melhores resultados. Experimenta.

Peço-te pelo menos que não tornes a tolher-lhe os saltos, a cortar-lhe a energia dos movimentos: é a força da natureza que o impulsiona, são as inquietações das suas pernas nervosas que o obrigam, é a saúde, é a vida que se expande, alegre e vigorosa, no teu Fernando. Tolhel-o é quasi um crime, é suffocar-lhe a natureza, é extinguir-lhe a seiva; deixa-o saltar, correr, desenvolver amplamente os musculos e se queres dar-lhe uma verdadeira alegria, se queres nullo mais ainda a ti pelos laços d'uma affeição mysteriosa, prendel-o por um affecto todo novo, corre, corre e brinca com elle, minha querida, e dir-me-has mais tarde se com este systema não fizeste do teu pequerucho um homem dócil e bom, sadio e vigoroso.

CHRONICA FEMININA

A electricidade na toilette. — As inglezas acabam de adoptar uma moda curiosissima e que não tardará de certo a estender-se aos outros paizes. Todas as ladyes pertencentes á *gentry* mandaram collocar nas abas do seu corpete de baile, no sitio em que se acha ordinariamente o *pouff*, um pequeno accumulador, ao qual correspondem numerosos fios electricos.

Estes fios communicam com a cabeça e transmitem aos diamantes um brilho deslumbrante. Os fios são por tal fórma imperceptives, e o systema em questão é tão aperfeiçoado, que não se percebe coisa alguma, e não incommoda de nenhuma fórma as pessoas que os usam. O effeito é admiravel e as senhoras que pozeram a electricidade ao serviço da *toilette* afiguram-se nos coroadas de estrellas.

A princeza de Galles foi a primeira senhora que rompeu a marcha.

Nobreza e arte. — Mademoiselle Bolau, dançarina e millionaria, casou com o marquez de Saint Genies, em 1684; a Fanchou Moreau, figurante de talento, mas mais do que tudo, mulher galanteadora, desposou o marquez de Villiers, em 1708; a Quinault Dupresne, dançarina, foi mulher do duque de Nevers; a formosa mademoiselle Autier, desposou Truchet, recebedor geral em Amiens; o marquez d'Arques deu a mão de esposo á dançarina Grognet, em 1742; a bella Rosaly, corista, casou com Mosson Maison-Rouge, em 1752; e marquez de Fleury, que era parente do cardeal Hercule, deu o seu titulo á figurante Defrésnes, em 1755; lord Crawjard d'Anchímanes, fez entrar na sua illustre familia a Salivan, simples figurante da Opera, em 1756; a Sedue, outra figurante sem talento, casou duas vezes, a primeira vez com o marquez de Tourvoy em 1745 e por fallecimento d'este, com o conde Clermont, principe de sangue, em 1759; o bravo almirante inglez Knowes, offereceu um dia a sua mão a Grandpré, figurante, com a condição de ir para Inglaterra, por espirito de patriotismo, preferiu ella o

marquez de Senneville; mademoiselle Lemaure, a mais caprichosa das cantoras, foi baroneza de Monbruel, em 1762; a Siancourt, foi tambem baroneza d'Augny, em 1763; o presidente de Meimère, desposou a figurante Chouchou, em 1765; o presidente de Campistrou Manibou foi marido da cantora Clairéal, em 1797; a Mazarelli, figurante, foi marquez de Saint-Chamout, em 1768; a celebre Solotte, foi condessa de Hérouville; a Rosalie Sevasseu, feita baroneza no tempo do Saint-Empire em 1771, foi elevada a condessa de Mercy-Argenteau, em 1790.

D'esta data em diante, quantas cantoras, dançarinas e simples figurantes tem casado com titulares, principes e reis?!

O ultimo casamento de uma mulher de theatro, foi a da afamada Schneider, com o conde de Bionne.

Pesca milagrosa e Truc d'Arthur

Na chronica theatral do numero anterior o nosso collega Gabriel Claudio tinha na noticia sobre o theatro do Gymnasio collocado a comedia *Pesca milagrosa* antes de *Truc d'Arthur* e acrescentado: — «a primeira cahiu etc.» Um descuido typographico inverteu porém a ordem das peças e d'aqui resultou a inexactidão que poderia attribuir-se ao chronista. Por tão manifesto, o engano dispensava quasi esta declaração, mas... é sempre bom esclarecer os leitores pouco benevolos.

ALBUM ENIGMATICO

CHARADA NOVISSIMA

PARA OS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

Premio — «Um Almanach das Senhoras» para 1884

Esta deusa em Italia é muito formosa. — 2-1.

SALTARELLO.

CHARADA NOVISSIMA

PARA OS ASSIGNANTES DE LISBOA

Premio: — «Um Almanach Litterario Charadistico» para 1884

Este marisco corre n'este mirante. — 2-2.

M.

Explicação das charadas do numero antecedente: — *Adraja*. — *Angelim*.

Coube o premio em Lisboa á ex.^{ma} sr.^a D. Rufina de J. Costa e na provincia ao sr. Francisco Guerra Quaresma.

Vieram em segundo logar decifrações da ex.^{ma} sr.^a D. Beatriz de Vasconcellos, D. Guilhermina Falco, D. Gloria de Athayde e dos srs. M. José da Gama e Fortunato Gomes.